



Secular Templi
by asmita

IN HOC SIGNO {1}

SETEMBRO 2025

EDITORIAL DE ABERTURA



Abrimos hoje uma nova série do IN HOC SIGNO (a que chamámos XXV por estarmos em 2025), o Boletim oficial do Grão Priorado de Portugal, publicado pela primeira vez, em fotocópias e formato A5 e agrafado em casa, em 1995. Na época recolhíamos notícias da Ordem e pequenos artigos de interesse para os Irmãos, com algumas crónicas de viagem e textos originais. Era um Boletim de informação, não uma newsletter. Seu companheiro, um Boletim de Estudos um pouco mais denso e mais focado na Matéria de Cavalaria, o ORA ET LABORA, que teve também dois ou três números.

Esses tempos pioneiros já lá vão. Afinal o nosso Grão Priorado comemorou este ano 31 anos de actividade contínua. É hora de dar mais um passo e consolidar os meios de comunicação da Ordem, regressando a um formato um pouco “à antiga”, longe das Redes Sociais, sempre mais adequadas a uma comunicação fragmentada e parcelar.

Assim, além dos canais mais efêmeros de Facebook e Telegram, repositório dos comentários do dia a dia, iremos compor com a vossa ajuda três pilares de comunicação permanente. A saber:

NEWSLETTER – De que publicámos já 2 números, com o âmbito de deixar registados os principais eventos da vida da Ordem ao longo do ano. Aqui se incluem as cerimónias, comemorações, notícias, anúncios, etc.

IN HOC SIGNO – Este Boletim, destinado a artigos de opinião, republicações e *digest* de artigos interessantes de diversas fontes, pequenos estudos mais curtos e texto pouco extensos sobre assuntos relacionados com a Ordem.

ORA ET LABORA – Boletim anual de Estudos.

Além destes, constam dos nossos Arquivos e estão disponíveis aos nossos membros, quer por intermédio de pedido directo ao secretariado@seculartempli.org quer ainda pelo vosso perfil do Templar Corps Intenational visitando a Biblioteca Incunabulum, os Boletins *ESTUDOS* (de 1 a 5 correspondentes aos anos de 2013 a 2020) e *CRÓNICAS* (1 a 3, correspondentes aos anos de 2013 a 2015).

O Grão Priorado de Portugal é, assim, o ramo Templário com maior foco nos estudos e na comunicação, não havendo nenhum motivo para que nenhum Irmão – que o queira – não possa prosseguir os seus estudos uma vez membro da Ordem, iniciados com as três sessões prévias de Instrução que precederam as suas Armações e o estudo do *LIBER NOVITIUS* que a todos foi entregue.

A aprendizagem é um processo contínuo e uma das formas de viver e renovar a paixão pela Ordem e os seus valores, história e legado.

Assim, estes meios estão à vossa disposição nas suas duas vertentes: de leitura e de expressão. Queremos que todos possam ampliar os seus interesses, abarcar maiores conhecimentos, desafiar as ideias já instaladas e confrontá-las com outras mais maturadas. Por isso, queremos que o *IN HOC SIGNO* seja fonte de informação mas também o destino das vossas reflexões, textos, sugestões, perguntas e experiências. Escrevam artigos, escrevam-nos o que entenderem, participem, partilhem e usem este que é o vosso Boletim.

O ano de 2025 foi o encerrar de um triénio de aprendizagem e transformação no nosso ramo da Ordem. Os Irmãos do Silêncio determinaram que era hora de abandonar a segurança de velhos modelos e ousar viver dimensões do Templo que, até hoje, estavam vedadas, de modo a poder manifestar o seu imperativo de modo mais completo. O desempenho no mundo depende da nossa fortaleza. Da nossa perseverança, na Fé e na certeza de que a Obra serve o Senhor e só a Ele. **IN HOC SIGNO VINCES.** ✘

Luis de Matos
Eques a Flamula Veritatis
Grão Prior

FORTALECER A EGRÉGORA

Talvez já tenhas sentido que, ao entrar num lugar ou ao encontrar certas pessoas, uma presença silenciosa, mas poderosa, envolve todo o espaço e os objectos, envolve-te. É como se forças invisíveis moldassem pensamentos, intenções e até destinos.

No Hermetismo, chamamo-lo de Egrégora: a consciência colectiva formada por mentes e corações unidos em torno de um mesmo propósito. Por isso mesmo nos é tão importante (e essencial) que cada Irmão tenha o seu período de Instrução prévia à sua Armação como adepto da Via Ordenada da Cavalaria Templária, assim como toda a formação e instruções que venha a receber ao longo de toda a sua vida, pois tudo isso será capitalizado no seu processo Iniciático e fortalecerá a respectiva Egrégora (o mesmo é dizer que onde colocamos a nossa energia aí é a Egrégora a que ficamos filiados...).

O buscador moderno, cercado por estímulos dispersos, raramente encontra uma corrente pura onde possa mergulhar. Mas, quando se sintoniza com uma Egrégora de Luz percebe que não mais caminha sozinho. Para tal tem de se dar, de se desfazer de ataduras e pré-conceitos de planos mais densos, tem de se permitir a chegar ao Umbral da Companhia e adentrar a Cavalaria, a filiar-se no Templo e nesta ressonância antiga de que a OSMTHU é uma rara percussão.

O Priorado Internacional Secular da OSMTHU está a despertar mais uma nota desta melodia harmoniosa conducente ao exercício pleno do ofício de Cavaleiro e à filiação na sua Egrégora.

Todo o Cavaleiro (nas duas potências, masculina e feminina) necessita de se adestrar no manuseio das Armas de Cavalaria, assim o Priorado vem contribuir para esse trabalho individual com a marcação de uma cadência e com a partilha de



conteúdos que a todos nós nos importam, com a produção de um Boletim Informativo que chegará até Todos a cada Solstício e a cada Equinócio do ano.

E como uma Egrégora é mais que uma ideia, é um ser vivo, nutrido pelas intenções e práticas dos seus membros, todos somos chamados a cooperar. Ficai atentos aos desafios que a irmã Cronista lançará nos próximos meses e pelo auspicioso futuro porvir.

A Egrégora amplifica percepções, fortalece a disciplina interior e protege todo buscador na sua jornada. Na Cavalaria, enquanto expressão temporal da Ordem Divina, o Irmão é desafiado ao exercício e ao Serviço e a ser uma expressão da Ordem e manutenção do Eixo. E, quando este nela se filia, o membro torna-se mais que um estudante ou buscador, torna-se parte de um organismo espiritual que respira, vibra e age no mundo invisível e visível, no caso da Via da Cavalaria, pois a sua acção é no mundo. Por tal, todo o adepto da Cavalaria Templária é um servidor, um exemplo vivo e activo. ✖

Fr+ Victor Varela Martins, KCTJ
Comendador de Laccobriga

A ORDEM E AS ASSOCIAÇÕES

*H*á uma forte desadequação da linguagem corrente à explicação e descrição da realidade Templária. Estamos habituados a usar palavras vulgares para descrever uma coisa tão invulgar e sagrada como a Ordem e por isso caímos presa de inúmeros equívocos. Talvez os maiores e mais graves tenham que ver com a degradação dos conceitos. Cremos descrever realidades transcendentais com palavras corriqueiras e inapropriadas e o resultado é a confusão e completa. Ninguém sabe muito bem do que fala quando fala da Ordem.

Com este pequeno artigo queremos contribuir para aclarar pontos fundamentais e ajudar à visão mais clara das coisas. Mas tudo começa por entender quais são as coisas que subordinam outras coisas, o que é que está sob a vontade do quê. Na Ordem nem tudo é igual, nem tudo implica tudo, nem tudo está ao mesmo nível.



Vamos iniciar com uma citação de Fernando Pessoa, que nos dá a chave de modo transparente, embora envolta numa linguagem poética simbólica.

“Subsolo

A Ordem de Cristo não tem graus, templo, rito, insígnia ou passe. Não precisa reunir, e os seus cavaleiros, para assim lhes chamar, conhecem-se sem saber uns dos outros, falam-se sem o que propriamente se chama linguagem. Quando se é escudeiro dela não se está ainda nela; quando se é mestre dela já se lhe não pertence. Nestas palavras obscuras se conta quanto basta para quem, que o queira ou saiba, entenda o que é a Ordem de Cristo — a mais sublime de todas do mundo.

Não se entra para a Ordem de Cristo por nenhuma iniciação, ou, pelo menos, por nenhuma iniciação que possa ser descrita em palavras. Não se entra para ela por querer ou por ser chamado; nisto ela se conforma com a fórmula dos mestres: «Quando o discípulo está pronto, o Mestre está pronto também.» E é na palavra «pronto» que está o sentido vário, conforme as ordens e as regras.

Fiel à sua obediência — se assim se pode chamar onde não há obedecer — à Fraternidade de quem é filha e mãe, há nela a perfeita regra de Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Os seus cavaleiros—chamemos-lhes sempre assim — não dependem de ninguém, não obedecem a ninguém, não precisam de ninguém, nem da Fraternidade de que dependem, a quem obedecem e de que precisam. Os seus cavaleiros são entre si perfeitamente iguais naquilo que os torna cavaleiros; acabou entre eles toda a diferença que há em todas as coisas do mundo. Os seus cavaleiros são ligados uns aos outros pelo simples laço de serem tais, e assim são irmãos, não sócios nem associados. São irmãos, digamos assim, porque nasceram tais. Na ordem de Cristo não há juramento nem obrigação.

Ela, sendo assim tão semelhante à Fraternidade em que respira, porque, segundo a Regra, «o que está em baixo é como o que está em cima», não é contudo aquela Fraternidade: é ainda uma ordem, embora uma Ordem Fraternal, ao passo que a Fraternidade não é uma ordem.”

Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética - Fragmentos do espólio. Fernando Pessoa. (Introdução e organização de Yvette K. Centeno.) Lisboa: Presença, 1985.

Nesta passagem, Fernando Pessoa confronta a ideia vulgar de “organização fraternal” com a natureza sagrada da Ordem de Cristo. Não se trata da Ordem histórica fundada ao tempo de D. Dinis em 1319 e suspensa por D. Maria II em 1834. Trata-se da Ordem – como corpo sagrado ordenado de Cavalaria Espiritual – num sentido superior e original, Ordem que gera e coloca no mundo todas as Ordens de todos os géneros e em todos os tempos. As Ordens no mundo – e do mundo – são filhas desse ventre original que dá vida e existência às “ordens” de toda a guisa, sejam de natureza eclesiástica, notarial ou associativa. Antes que sejam constituídas como “ordens”, compostas de homens e mulheres, registadas e regidas por estatutos e regulamentos particulares, são entidades de natureza ontológica e matriz enraizada em princípios superiores que sujeitam a acção das organizações a que dão origem. Assim, a Ordem é a entidade ontológica ordenada, objectiva e

concreta, que terá como veículo para a sua acção a “ordem” particular registada e formada pelos seus membros, que se associam entre si fraternalmente para lhe dar corpo. A Ordem precede a associação. A Ordem precede os próprios membros. A Ordem sujeita e subordina tudo o que se venha a criar sob a sua égide. Esse é o nível de Ordem a que se refere Fernando Pessoa. Por isso diz “os seus [membros] (...) são irmãos, não sócios nem associados.” Não são sócios nem associados porque a Ordem não é uma associação.

E sendo a Ordem o reflexo da ordem divina presente em todo o Universo, onde tudo ocupa o seu lugar e se sujeita a leis imutáveis e eternas, ela é IMPERATIVA.

Ora, como força organizadora e ordenadora, como ente regente de tudo o que se lhe subordina, projecta-se no mundo da existência humana através de qualidades particulares, tónicas de trabalho e acções, como cores de um arco-íris tornadas visíveis por translúcido prisma. A Luz original é decomposta e qualificada pelo prisma, irradiando em fulgor na cor que lhe corresponde.

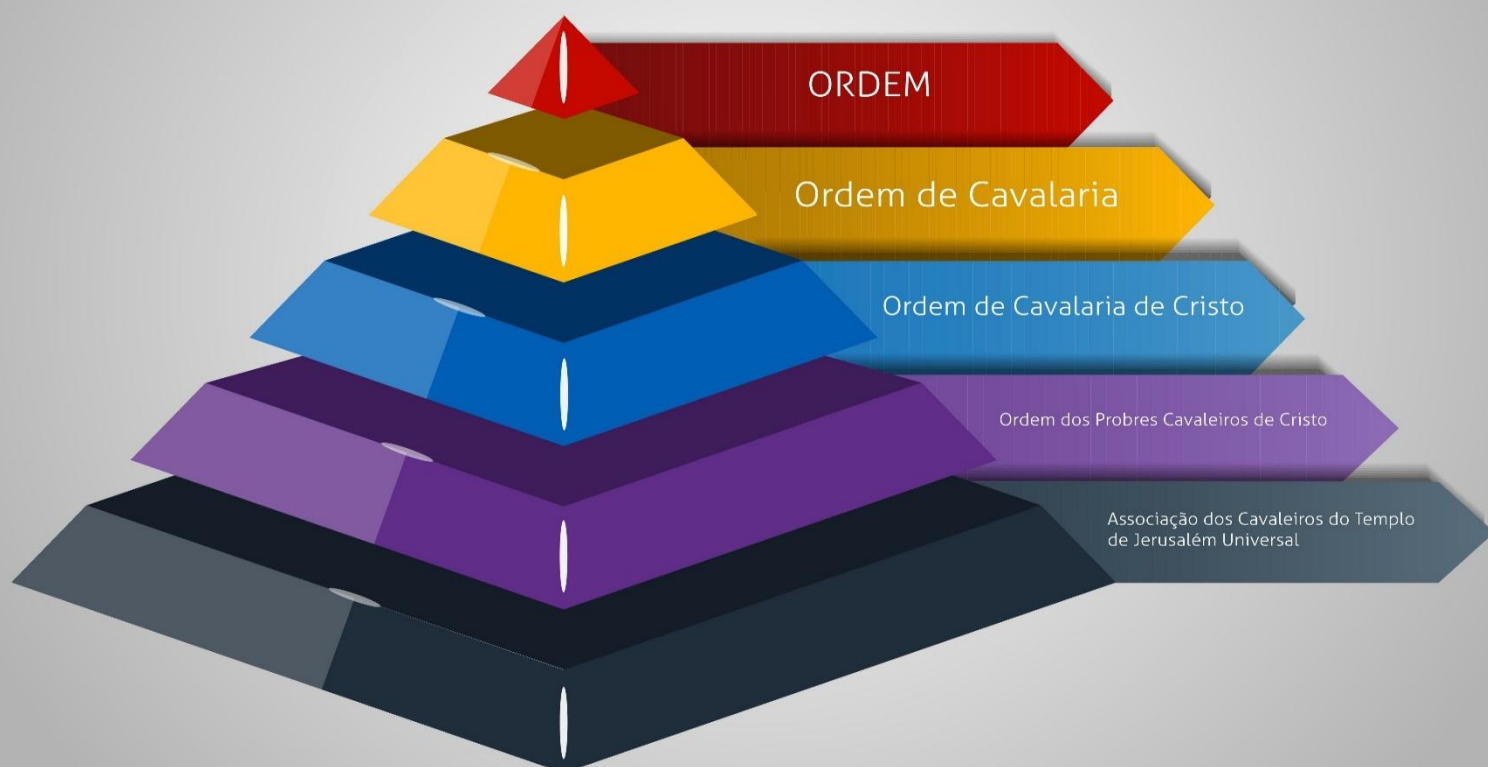
A cor mantém a ordem original. Ou seja, a luz colorida é luz, por isso estrutura-se e manifesta-se a partir das leis naturais da luz original. Dito de outro modo, a Ordem que organizava o raio original é a mesma que sujeita o raio colorido. Este tem a mesma velocidade de propagação no espaço, a mesma qualidade electromagnética, a mesma estrutura de onda e partícula, é constituído de fotões, etc. O resultado da decomposição numa cor particular não altera a Ordem original. A cor é, então, uma declinação do original. É o original, mas qualificado, diferenciado.

Para o exemplo de Pessoa, a Ordem é a Luz primordial e a Ordem de Cristo é essa mesma luz após ser decomposta em cores pelo prisma que é o Cristo. No caso da Ordem do Templo, a cor emergente é o vermelho.

Assim, há UMA SÓ ORDEM. E quando essa Luz Primordial se aproxima da concepção humana, quando abandona o ventre de formação de todas as Ordens, declina-se em tónicas de trabalho diversas. Quando, finalmente desce ainda um pouco mais e atinge a densidade adequada a ter existência na imaginação e no coração dos homens, quando está pronta a adquirir propriedades subjectivas, forma-se como uma comunidade ética. É adjectivada, por assim dizer.

De ORDEM maior e ordenadora, passa a Ordem particular e ordenada: Ordem de Cavalaria [de Cristo], veículo para a tónica de trabalho de Cristo segundo a ética de Cavalaria. Sob a Regência desta (como esta está sob a ordenação da ORDEM), estão outras expressões ainda mais exteriores e a ela sujeitas.

Vejamos o caso da Ordem do Templo (simultaneamente, em sequência, é A ORDEM que subordina uma ORDEM DE CAVALARIA, que subordina uma ORDEM DE CAVALARIA DE CRISTO, que se expressa estatutária e regulamentarmente como a “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo”, aceite pela Igreja por Bula em 1139). Ou seja, andando para trás no tempo (e de fora para dentro): instituição do mundo (associativa): 1139; organização estatutária: 1128 (Regra do Concílio de Troyes), Ordem de Cavalaria de Cristo: 1118 (votos professados em Jerusalém). A Ordem de Cavalaria



e a ORDEM em si mesma são, por isso, ainda anteriores. Esses são os Templários históricos vistos da periferia para o centro. Da base para o pináculo. Da casca exterior e visível para a ORDEM, interior e invisível.

Por este motivo, quando a capa exterior da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, por motivos de conjuntura histórica, se despe e cai morta (como em 1307 - 1314), o Corpo da Ordem reveste-se de nova capa, sem mais delongas, mantendo a ligação quer à Ordem de Cavalaria, quer à ORDEM (sem mais particularizações). Quando uma luva de pele protectora se rasga, retira-se a luva e fica a mão de pele exposta. Depois calça-se outra luva, mas a mão é sempre a mesma. A Ordem é permanente e eterna, a Ordem de Cavalaria é ininterrupta em cadeia perpétua, por isso a Ordem de Cristo é o seu veículo seguro no mundo. A luva de pele que protege a mão.

Ora, o mundo é um lugar onde impera a vontade e a convenção humana, muitas vezes em oposição ou flagrante ignorância das leis universais e da tal ordenação subjacente ao mundo que nos rodeia. Dito de outro modo, os homens dispõem o seu mundo de maneira muito diferente à matriz do Universo. As suas leis, a sua distribuição da riqueza, as suas relações pessoais, a sua procura por um sentido da vida e o seu comportamento, reflectem muitas vezes os profundos problemas e contradições que caracterizam a vida do homem. Há uma organização das coisas do mundo que, embora não passe de uma convenção colectiva a que todos aderem ao viver numa dada região e cultura, acaba por ser limitadora e compulsória para qualquer actividade aí desenvolvida. É essa a natureza do mundo criado pelo homem, que frequentemente se opõe à natureza original de onde tudo procede.

Torna-se assim necessário que o corpo organizativo material que veicula a Ordem, esteja habilitado a funcionar, mantendo as qualidades morais e a ética imperativa da Ordem, mas agora dentro do plano humano (que muda de língua para língua, de país para país, de ordenamento jurídico para ordenamento jurídico, de época para época, de opinião para opinião). Sem cumprir com requisitos económicos, fiscais, jurídicos e até políticos, o corpo material e associativo da Ordem não pode desempenhar a sua função [espiritual].

É assim que surge a necessidade de constituir uma Associação. Na Idade Média, os mesmos objectivos obrigavam à regulamentação associativa pela autoridade da Igreja. Por isso, já depois de ter sido fundada em Jerusalém, a Ordem do Templo procurou que a sua Regra fosse aceite pela Igreja Romana. E mesmo após a confirmação no Concílio de Troyes, só a Bula “*Omne Datum Optimum*” de 1139 do Papa Inocêncio II deu por concluído o processo de “registo” no mundo e capacidade jurídica plena ao seu funcionamento. Podia a Ordem operar sem a Bula? Sim, fê-lo durante 21 anos. Podia desenvolver-se, crescer, ser aceite de forma unânime e consolidar-se na sociedade medieval sem a Bula? Sim, mas seria sempre parcelar e local. Aderir às convenções humanas do seu tempo foi o que permitiu à ORDEM (ou seja, à componente Imperativa) viver no mundo, crescer no mundo, mas NÃO SER DO MUNDO.

As convenções do mundo, entretanto, mudaram. Nos dias que correm, a Igreja deixou de ter o papel organizador e regulador da Europa medieval. Hoje os ordenamentos jurídicos nacionais estão bem estruturados e contemplam os procedimentos necessários para que uma “ideia” colectiva, uma “comunidade ética” – numa palavra: A ORDEM – possa adquirir personalidade jurídica e interagir nesse mundo de convenções lado a lado com as suas obrigações e em persecução dos seus objectivos, mesmo os imateriais.

Assim, não devemos confundir as Associações – componente jurídica que corporiza o trabalho no mundo e suas implicações económicas e legais – com a Ordem. Esta está sujeita a uma Regência, a qual segue um Imperativo original. No momento em que as Associações (com o seu conjunto de associados), perde a ligação à Regência ou esta ao Imperativo, a ORDEM retira-se e reconstrói os diversos corpos de expressão desde dentro.

Assim, somos associados de uma Associação, mas Irmãos de uma Ordem. Alguns são ainda Cavaleiros da Ordem de Cavalaria e estamos “ligados uns aos outros pelo simples laço de ser[-mos] tais”.

- ORDEM
- Ordem de Cavalaria
- Ordem de Cavalaria de Cristo (Militar e Religiosa)
- OSMTHU

Associação dos Cavaleiros do
Templo de Jerusalém Universal

Officina Templi (Feytoria)

Secular Templi

Templar Corps International

ASSOCIAÇÃO E MODOS DE ACTUAÇÃO NO MUNDO

A separação entre a Ordem como Imperativo e os seus veículos e instrumentos no mundo, é total. É de recordar o exemplo da luva. A Ordem actua no mundo pela Regência das diversas estruturas organizacionais, concedendo parcelas do seu Domínio, como adequado, à gestão desses organismos. A Ordem tem a Regência e é o foco da Vontade, a instituição veicula essa vontade para o mundo, dentro de limites, gerindo recursos e prosseguindo os fins materiais indispensáveis.

Eis alguns exemplos:

Para poder gerir as suas contas, pagar despesas correntes como a infraestrutura de rede, comunicações, aluguer de instalações e salas, despesas relacionadas com a realização de cerimónias, transportes, material impresso, material litúrgico, entre muitos outros, financiados através da quotização dos seus membros, a Ordem concede a sua representação Associativa (que inclui número de contribuinte, instrumentos comuns como uma conta bancária, aplicações web para cobrança de quotas, etc.), à Associação dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém Universal.

Para promover a criação de valor, sob disciplina Ética estrita da Ordem e sua Regência, a Officina Templi desempenha o papel de representante das vertentes passíveis de finalidade comercial e produtiva. Há toda uma componente da Ordem que, ao nível material, cria riqueza, multiplica recursos e transforma meios. São disso exemplo o ensino, a formação, a cooperação internacional, actividades de assessoria e aconselhamento, actividades de produção de arte e artesanato (literatura, história, teatro, cinema, música, etc.), actividades Humanitárias e Caritativas, entre outras. Todas as actividades que possam implicar recursos materiais de âmbito produtivo são atribuição exclusiva da Officina Templi, entidade comercial detida pela Ordem.

São exemplos de iniciativas sob concessão Officina Templi a futura Loja Online de suprimentos e material de interesse à Comunidade Templária (definida como os membros da Ordem e o círculo de seguidores), o Secular Templi com a atribuição de expandir a base da Comunidade Templária e o Templar Corps International com a atribuição de organizar, promover e gerir projectos de âmbito Humanitário.

Estas concessões da Officina Templi consubstanciam-se por contratos jurídicos e a criação de veículos notariais adequados (Associações, companhias, sociedades comerciais, etc. de acordo com os casos). A Regência e o controlo é sempre da Ordem, a gestão de recursos é atribuída e auditada, caso a caso. Pode ter âmbito temporário ou permanente, pode ter âmbito regional, nacional ou internacional, etc.

Ainda a título de exemplo, se a Ordem necessita alugar uma igreja para realizar uma celebração litúrgica, a Associação é chamada a organizar o evento, gerir os temas logísticos, relacionar-se com as entidades necessárias (incluindo pagamento de facturas de aluguer e outras), e assim por diante. Se a Ordem for convidada pelo Governo de uma nação para uma visita oficial e cooperar a nível Humanitário, o Templar Corps International é chamado e será através deste que todas as iniciativas

serão canalizadas. Se a Ordem for convidada a fazer uma consultoria histórica para a realização de uma série documental de televisão, a Oficina Templi atribuirá essa função a uma entidade Produtora de acordo com as condições específicas do projecto. E assim por diante.

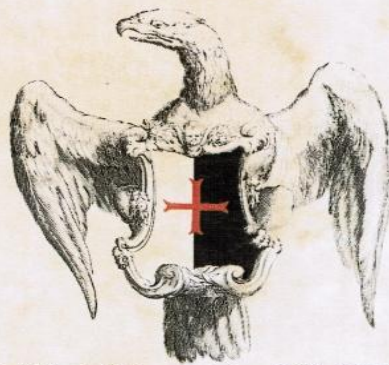
Deste modo, a Ordem é a única detentora da legitimidade do Imperativo, intérprete da Tradição de Cavalaria Espiritual, fazendo-se valer dos veículos organizativos e operacionais adequados às circunstâncias por intermédio da Oficina Templi, separando a estrutura litúrgica e sagrada da sua acção no mundo, material e frequentemente económica.

A ORDEM E OS RAMOS DA ORDEM

A Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém Universal (OSMTHU) emergiu em Junho de 1999, aquando da instalação do Mestre Fernando de Toro-Garland em cerimónia histórica que decorreu no Real Ilustre Colégio de Advogados de Alcalá de Henares, Espanha. Nessa mesma data constituiu-se o Conselho Magistral, organismo que, entre 1999 e 2025, sob a orientação sucessiva de três Mestres, manteve a atribuição de Regência da Ordem a nível internacional, após a suspensão de trabalhos da Aliança Federativa Internacional, que a havia precedido entre 1985 e 1999, herdeira directa dos Priorados Autónomos de VonLuprecht (1945).

Ordo Supremus Militaris Templi Hierosolimitani Universalis

Non Nobis Domine. Non Nobis



Sed Nomine Tuo Da Gloriam

We, the undersigned, duly elected and installed High Officers of the OSMTHU, declare and confirm that, at this eighteenth day of April of the year of our Lord of two thousand and ten, the government of the Order is composed of the following Brother Officials:

Fr+ Fernando de Toro-Garland - *Master Emeritus*; Fr+ António Paris - *Master Emeritus*; Fr+ Luís Carlos de Matos - *Chancellor and Interim Master*; Fr+ Leslie L. Payne - *Seneschal*; Fr+ Roman Vertovec - *Visitor General*; Fr+ Malcolm Ferguson - *Registrar*; Fr+ William MacCallum - *Archivist*; Fr+ Rodrigo Beltrán Angulo - *Advisor*

We further declare that, until such time that a new Master is elected in free, transparent, universal elections, this body collectively and each of its members individually considered in their official capacities, are the only chartered representatives of the OSMTHU for any legal, liturgical, ritual and diplomatic purposes.

Given in Sintra, Portugal, April eighteen of the year of our Lord Two Thousand and Ten

The Chancellor

Fr+ Leslie

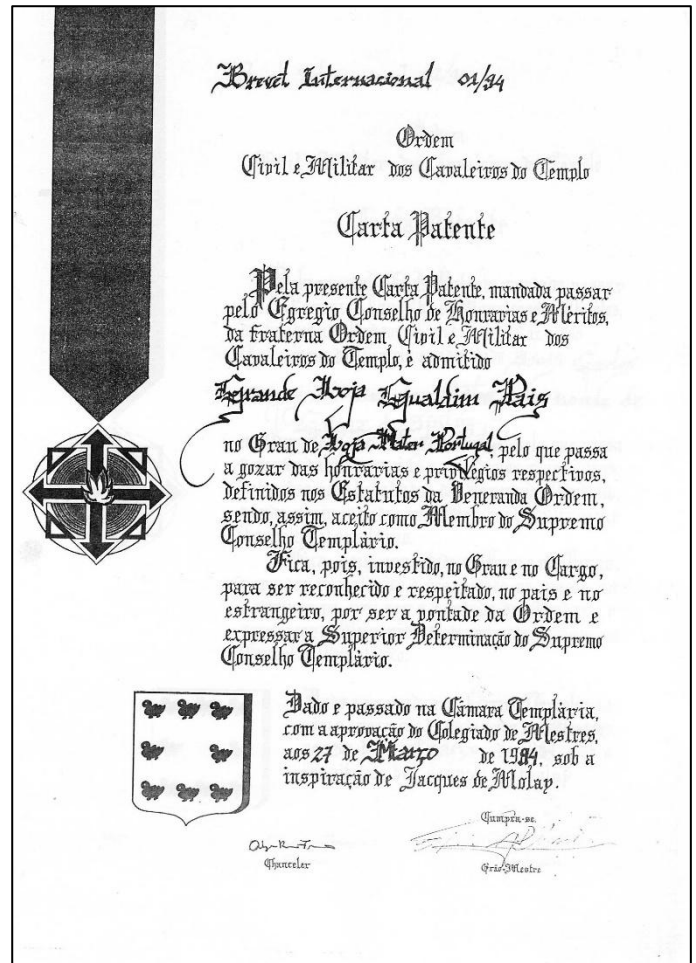
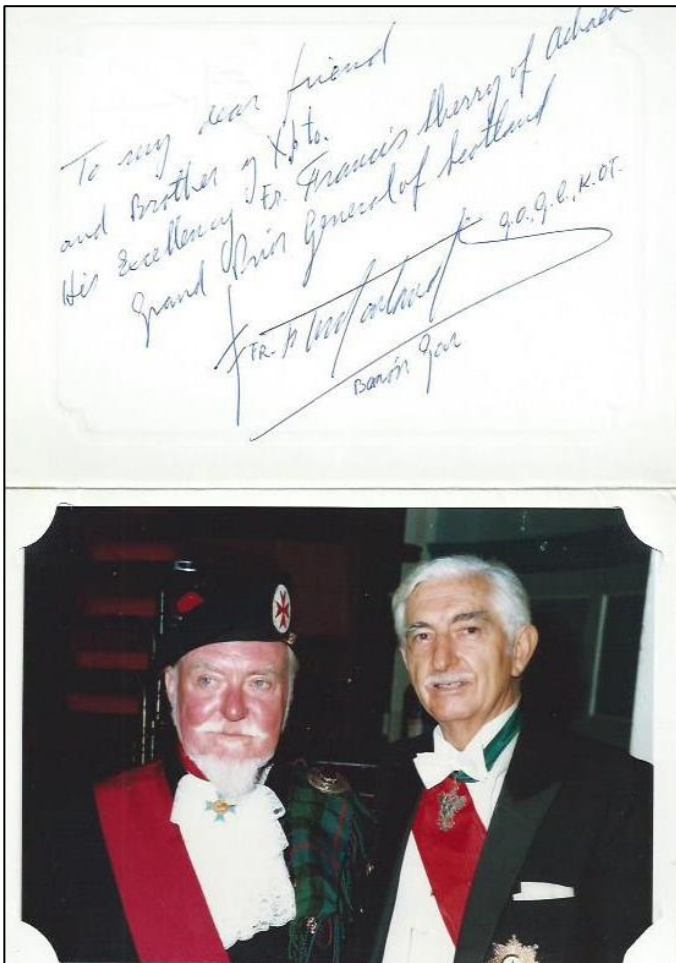
Fr+ Fernando de Toro-Garland

Fr+ Fernando de Toro-Garland

Fr+ William MacCallum

The Archivist KGOT

Carta Patente de confirmação de composição do Conselho Magistral de 2010, com a menção dos três Mestres, dois deles Mestres Emeritus e um Mestre Interino.



Fr+ Francis Sherry of Achea, KGCTJ Grão Prior da Escócia, Fr+ Fernando de Toro-Garland, KGCTJ e Barão de Gar, Mestre da Ordem, ambos fundadores da Aliança Federativa Internacional; Carta Patente do Grão Priorado de Portugal datada de 27 de Março de 1994.

O presente Grão Priorado de Portugal foi criado em 1994, aderiu à Aliança Federativa em 1995, filiou as suas linhagens de Cavalaria Templária com o Grão Priorado de Espanha (filiação Toro-Garland) e o Grão Priorado de França (filiação Patrick Bracco) no mesmo ano, concluindo a filiação à Linhagem Apostólica em 1996 através da ordenação sob a autoridade de Ronald Cappello, Patriarca de Old Templar Church.

Foi da conjugação destas linhagens – quer de Cavalaria Militar e Espiritual, quer Apostólicas na dupla vertente Templária clássica – não apenas em corrente ininterrupta até Fabré Palaprat, mas ainda em resultado de outras ligações à ORDEM que se mantêm activas, que a OSMTHU se apresentou ao mundo desde 1999, sendo um caso singular no panorama internacional.

É um ramo da Ordem, ligado à fonte perene, sob Regência e consciente do Imperativo.

Hoje podemos encontrar outros ramos da Ordem. Cada um tem a sua própria história e legitimidade (ou falta dela). Todos procuram interpretar à luz dos dias de hoje os valores Templários. Uns com maior sucesso do que outros.

Provenance - Main Branches

April 2020 | Ver. 2.1 | Luis de Matos © 2018-2024 | osmthu@mail.com



- 1804 – 1839 Bernard Fabr  Palaprat
- 1839 – 1840 Sir William Smith
- 1840 – 1850 Edward VII of England and George V of Hanover
- 1850 Narcisse Valleray (Regent)
- 1866 A.G.M. Vernois (Regent)
- 1892 Joséphin P ladan (Regent)
- 1894 Secretariat International des Templiers
- 1934 Conseil de Regence – Joseph Vandenberg
- 1935 Theodore Covias (Regent)
- 1935-1945 Emile Isaac Vandenberg (Regent)

AUTONOMOUS PRIORIES (1945)

- 1945 Baron Von Luprecht
- 1987 International federative Alliance (IFA)

OSMTHU

osmthu.org

- 1999 – 2004 Fernando de Toro-Garland (Master)
- 2004 – 2006 Antonio Paris (Master)
- 2006 – 2018 Luis de Matos (Interim Master)
- 2018 Antonio Paris (Master)



OSMTH - PORTO (1945)

osmth.net

- 1945 – 1960 Ant nio de Sousa Fontes (Regent)
- 1960 – 2018 Fernando de Sousa Fontes (Regent)
- 2018 Albino Neves (Master)? / Gerard Wilery (Master?)



OSMTJ (1970)

osmtj.net

- 1970 – 1989 General Antoine Zdrowjewski (Regent)
- 1989 – 1994 Georges Lamirand (Regent)
- 1994 – 2023 Nicolas Haimovici Hastier (Regent)



OSMTH – “Atlantic Obedience” (1995)

osmth.org

- 1995 Declaration of Autonomy
- 1998 – 2005 Sir Roy Redgrave (Master)
- 2005 – 2009 James Carey (Master)
- 2009 – 2013 Patrick Rea (Master)
- 2013 – 2017 Robert Disney (Master)
- 2017 Patrick Rea (Master)
- 2019 David N. Appleby



OSMTJ (Splinter Groups)

osmtj.net

- 2021 Ronald Mangum
- 2022 - 2024 Luis Martinez

2022 Phillipe Matta

2024 Vincenzo Tuccilo

2024 Rudy Stevens

Mapa das diversas linhas de origem Fabr -Palaprat, com as deriva es e cisões sucessivas

São estas as três principais f mlias:

1) De tradição Fabr -Palaprat

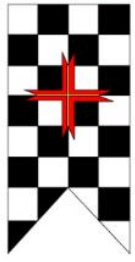
Deriva es diversas de grupos originados a partir de 1804. Usam os acr nimos derivados do original Ordre Sovereign et Militaire du Temple de Jerusalem (OSMTJ), que incluem a sua versão latina (OSMTH), aos quais, com o tempo, se foram acrescentando outras designa es (OSMTH-Magnum Magisterium; OSMTH-Atlantic Obedience; OSMTJ-Regency, etc.).

A OSMTHU filia-se directamente na linha mais antiga, dos Priorados Aut nomos do Barão VonLuprecht (1945), nunca tendo estado sob outra autoridade internacional (incluindo a de Sousa Fontes) até   criação da Aliança Federativa e, mais tarde, do Conselho Magistral. Os Grão Priorados mant m a sua característica de absoluta autonomia e soberania segundo o espírito de VonLuprecht.

Non-Palaprat - Main Branches

June 2021 | Ver. 1.1 | Luis de Matos ©2021 | osmthu@mail.com

1951 — Arigny Castle; Jacques Breyer, Marcel Veyre de Bagot, Armand Barbault



Ordre Souverain du Temple Initiatique (OSTI)

1967 Conclave electing "jean"
1968 Conclave in Monaco
1973 First Demand to the Vatican
2016 Second Demand to the Vatican
2017 Third Demand to the Vatican



Ordre Renové du Temple (ORT)

1970 Raymond Bernard
1972 Julien Ourigas

1983 Luc-Jauret

Ordre du Temple Solaire (OTS)

1984 Luc-Jauret
1994 First Mass Suicide
1995 Second Mass Suicide

Order carries on

Ordre du Temple Solaire Noire

s/d

The Order carries on

1988 Raymond Bernard

1991 Reformed and integrated in the OSTI as the humanitarian arm

1988 Raymond Bernard

1997 Yves Jayet

1988 Raymond Bernard

1997 Yves Jayet

1988 Raymond Bernard

1997 Yves Jayet

1973 Lucien Metche

2012 Emmanuel de SEPTIMANIE

La Massenie du Saint Graal (MSG)

1978 First Conclave

Order of the Universal Temple

1982 First Conclave

Orden Soberana del Temple de Cristo (OSTC)

1985 First Conclave | Spanish Order

2003 First Demand to the Vatican



CIRCES

1988 Raymond Bernard
1991 Reformed and integrated in the OSTI as the humanitarian arm



OSTI

1988 Raymond Bernard
1997 Yves Jayet

Mapa das diversas linhas de origem Arigny, com as derivações e cisões sucessivas

2) A Ressurgência de Arigny

Nos anos 60 deu-se uma ressurgência a partir de uma cerimónia realizada no castelo francês de Arigny. Essencialmente próximas de grupos Rosicrucianos, as organizações resultantes desta ressurgência têm uma componente doutrinal específica. Podemos encontrar a ORT, OCMCT, OTS, OSTI, OVT, entre muitos outros ramos.

3) Templários Maçónicos

Em dois sistemas principais, exclusivamente destinados a Maçons: a Ordem Interior do Rito Escocês Rectificado e os Knight Templar do Rito de York / Royal Arch.

A OSMTHU relaciona-se com todos os ramos e grupos, tendo uma posição neutra, encorajando a criação de amplas iniciativas de cooperação e autorizando a inter-visita. ✘

Luis de Matos

Grão Prior

© Luis de Matos 2025

UMA PALAVRA SOBRE NOMENCLATURA

Procurando auxiliar os novos Irmãos nos primeiros passos na Ordem, deixo-vos algumas indicações. Pois além da ritualização cristã temos também a nomenclatura e a hierarquia da esfera ordenada de Cavalaria.

DTJ :: Dama do Templo de Jerusalém (idêntico em inglês)

KTJ :: Knight from the Temple of Jerusalém

É a sigla identificativa do grau do Irmão.

Tens outros que irás encontrar:

DTJS / KTJS :: D ou K Secular

DTJ P / KTJ P :: Preceptor

DCTJ / KCTJ :: Comendador

DGOTJ / KGOTJ :: Grande-Oficial

DGPTJ / KGPTJ :: Grão-Prior

A Ordem tem, maioritariamente, estes graus de exercício do seu Domínio.

O primeiro é por Transmissão de Cavalaria por via do acto Iniciático da Armação de Cavalaria Secular; extrictamente na esfera do milites, militar, da Companhia.

Todos os Irmãos Seculares usam o prefixo de: I+ antes do nome. Exemplo: I+ Erik KTJS ou I+ Ana DTJS.

Depois, por vocação e por filiação, por interesse da Ordem, pode ocorrer a ligação / aproximação à Igreja por via da Regularidade na Ordem, do respeito e cumprimento da Regra e de vínculo espiritual à Igreja — aos Irmãos que não tenham interesse nesta maior filiação Cristã a esfera Secular já dá “pano para mangas”!!!

Todo o Irmão da Via Soberana/Regular é igualmente DTJ ou KTJ. E o seu prefixo é, do Latim: S+ ou Fr+ (Soror ou Frater).

É de entre estes D/KTJ que podem surgir os Oficiais dos Priorados.

Assim, por delegação de competências, o Prior pode ceder parte da Missão de uma Comenda a um respeitável Irmão Preceptor. Que rege e dirige uma unidade organizativa local afecta a determinada Comenda e que coordena um grupo local de Irmãos (Seculares e Regulares) que apoiam o seu Preceptor na prossecução da sua missão.

Na esfera seguinte, que é por Investidura de uma encomenda sobre um determinado Irmão. Também um acto de Transmissão do Domine sobre o Irmão, passando este a ser um respeitável Comendador. Ou seja, só existe Comenda porque existe o Comendador e só existe Comendador porque este é Feito pelo Prior (e como este acto e este fio é vinculativo!). É um dos dois graus mais íntimos e mais dolorosos, é uma Cruz, na verdade, uma responsabilidade que constringe e é a primeira esfera de Domínio pleno da Ordem; o outro, ainda de maior peso dessa Cruz (!) é o de Prior. Na realidade, ambos são a expressão viva da Ordem, a chama que pode acender o fogo mesmo que este seja apagado.

O grau seguinte é por atribuição, nomeação pública, sagração do Irmão, é um grau de serviço ao Priorado. Em boa verdade é também uma investidura, pois o muito-Respeitável Irmão Grande-Oficial fica detentor de uma missão muito específica dentro do governo do Priorado e subordinado ao Prior. É de entre os Irmãos titulares deste grau que pode sair um Prior. Um Irmão deste grau também pode ser Investido como Comendador.

Ao Prior, ao Grão-Prior ou ao Grão-Prior Geral compete a Regência do território nacional, o exercício do Domínio sobre a unidade nacional da Ordem, o Priorado. Pelo que o Sereníssimo Grão-Prior ordena (dirige, orienta, rege o que está submetido à ordem) todas as estruturas que lhe são subordinadas. É o Domine dos Domines.

A saudação que partilhamos entre nós é de: um abraço fraterno (muitos irmãos preferem dar esse abraço juntando o lado esquerdo dos seus peitos, o lado do Coração).

A Cadeia-de-união é realizada com os braços estendidos e descontraídos, com a mão direita na posição de doar e à esquerda na de receber. A Energia flui no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

Quando um Irmão pretende dizer que está disponível para servir um Irmão, o seu Domine ou a Ordem, comumente diz que está: “de pé e às ordens”.

A (única) Divisa da Ordem de Cavalaria Templária (também, sobretudo, é uma Oração) é: “non nobis domine, non nobis, sed Nomini Tuo da Glóriam”.✠

Fr+ Victor Varela Martins, KCTJ
Comendador de Laccobriga

Q&A – QUESTÕES E ANÁLISE

I nicia-se aqui uma secção do Boletim que será permanente. Nela vamos abordar algumas das questões mais recorrentes que nos são colocadas ao longo do tempo. Teremos questões que são frequentes por parte do público que nos procura nas Conferências e Cerimónias e perguntas frequentes dos nossos membros. Já tivemos a oportunidade de abordar muitos destes assuntos de viva voz, mas como a Ordem está a crescer e há cada vez mais Irmãos e Irmãs que se vão tornando membros e não conhecem esclarecimentos feitos antes da sua chegada, este é um bom meio de os pôr a par. Se houver algum assunto em especial que gostassem de ver num próximo Q&A, podem mandar um email para secretariado@seculartempli.org

Q – No nosso site diz-se “O regresso da Cavalaria começa por ti”? O que significa essa frase?

Aproximadamente entre o século X e XI a tecnologia tinha-se desenvolvido de tal modo que permitia o uso da guerra a cavalo com uma enorme eficácia letal. Combatentes apeados, soldados peões, tinham evidente desvantagem frente a guerreiros em pleno controlo de possantes e rápidos cavalos. A chegada do estribo à Europa, que possibilitava um domínio perfeito do animal, bem como as técnicas metalúrgicas de fusão do ferro e do carbono, criando espadas de lâmina mais extensa e bem temperada, faziam do guerreiro montado uma temível máquina mortal. Foi nesse contexto que surgiu a necessidade de criar um código de valores muito rígido, que fosse capaz de dirigir a vontade e força do cavaleiro, limitando a sua propensão para a violência.

Esse código foi criado em resposta aos vícios mais vulgares do ser humano (a ira, a inveja, o egoísmo, etc.), procurando limitar a brutalidade arbitrária da guerra. O Código de Cavalaria colocou a função militar sob a autoridade de um poder superior e espiritual, prescrevendo uma conduta irrepreensível e dotando o Cavaleiro de aspirações e práticas que o conduziam no caminho da luz.

O ideal de Cavalaria nem sempre foi respeitado e toda a história militar medieval europeia – de que as Cruzadas são um bom exemplo – está cheia de episódios onde uma conduta abominável, sem freio, coraçaõ ou inteligência, trouxe a mancha da desonra à Cavalaria.

Entretanto o mundo foi caindo na desordem, os valores da Justiça, a Esperança num futuro de paz e progresso para a humanidade, ou a compaixão pelos que sofrem tornaram-se coisas “fora de moda”, relíquias de museu, ecos de um passado distante. E o resultado foi a construção progressiva da distopia de desigualdade e desordem em que vivemos..

É hora de recuperar o mesmo espírito que norteou as utopias do passado. Só a humanidade pode construir um mundo melhor, mais justo, mais próspero e livre. Um mundo onde o potencial humano de cada um se possa desenvolver e realizar em pleno. Os valores da Cavalaria Espiritual são profundamente actuais e absolutamente necessários a transformar o caos em que vivemos, numa ordem de progresso e harmonia.

Mas para que conceitos como Justiça, Esperança, Liberdade, Compaixão, Nobreza de Coração, Cortesia, Lealdade, Força Interior, Humanismo e tantas outras, possam ser mais do que palavras vazias, é necessário que haja quem as compreenda e viva todos os dias.

Assim, os Valores da Cavalaria só regressam ao mundo através de pessoas concretas, de acções reais, de esforços e iniciativas conjuntas orientadas pelos mesmos princípios. Não virá um D. Sebastião no seu corcel branco milagrosamente trazer a paz e uma nova era de concórdia universal, sem que homens e mulheres vivam, pelo que fazem, pelo que sentem, pelo que são, esses mesmos valores na prática.

Por isso “o regresso da Cavalaria começa por ti”.

Q – Porquê “o regresso da Cavalaria” e não “o regresso dos Templários”?

A Ordem do Templo foi uma das Ordens de Cavalaria mais influentes e importantes de todos os tempos. Tinha simultaneamente um carácter militar e religioso. Ser Templário plenamente significava ser Cavaleiro Monge. Essa fasquia elevada ainda hoje é válida. Mas o regresso da Cavalaria inicia-se sem necessidade da componente religiosa.

Há todo um vasto campo de aplicação dos princípios da Cavalaria Espiritual que não requerem a adesão a uma religião. Têm uma expressão secular, para lá da sagrada que as originou. É certo que, para extrair todo o “sumo” da Ordem, o Cristianismo dá uma dimensão profundíssima a muitos dos temas da Cavalaria e orienta o destino do Cavaleiro. Contudo, o potencial de transformação do mundo pela aplicação na vida de cada um do Código de Cavalaria é excepcional MESMO SEM A RELIGIÃO, pelo que é por aí que devemos começar. Todos sabem o que é ser justo, compassivo, praticar uma amizade sincera e leal, ser cortês com os outros, solidário e humano. É isso que transforma o mundo. Citando Cervantes pela voz do seu fundamental D. Quixote: *“Mudar o mundo meu amigo Sancho não é loucura, não é utopia, é justiça.”*

Quanto aos Templários, só precisavam de regressar se tivessem alguma vez ido embora.

Q – Tenho lido muitas vezes sobre “cerimónias de investidura” templárias. Afinal eu fui “investido” ou fui “armado”? Qual é a diferença?

As palavras devem ser aplicadas com rigor, porque se referem a realidades concretas. Se as aplicarmos mal, corremos o risco de não conseguir viver as realidades a que elas se referem. Perdendo o conceito, perde-se “a coisa”. No caso da Cavalaria, há um desconhecimento geral sobre os actos da vida de um Cavaleiro.

O primeiro acto – aquele que todos reconhecem – em que alguém, de joelhos, é tocado pela espada de um oficial, é designado por ARMAÇÃO. Literalmente significa “dar armas”. Tem origem no acto em que um Senhor medieval recruta o serviço de um militar para o seu exército. Ao fazê-lo, compete-lhe “dar armas”, ou seja, prover os instrumentos do seu ofício militar. ARMAR alguém é dar-lhe armas. Trata-se de um acto cerimonial porque, ao dar armas (letais), o Senhor assegura-se que o recipiendário assume um compromisso de obediência e lealdade. Esse compromisso é selado por um juramento em ambiente cerimonial, em voz alta, perante inúmeras testemunhas.

Assim, a resposta à pergunta é: “Foste ARMADO Cavaleiro”.

Então não existem cerimónias de Investidura? Sim, existem. Têm é outra natureza. Só se Investe quem já é Cavaleiro. A Investidura é uma atribuição de funções oficiais posterior à Armação. É-se Investido Comendador, Oficial, Grão Cruz, etc.

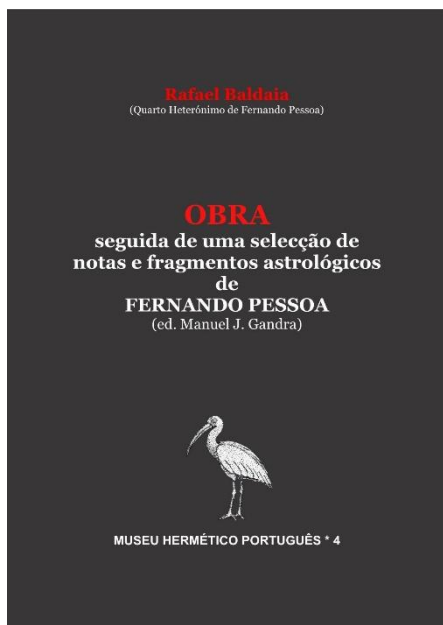
Finalmente pode ainda ser-se Ordenado Cavaleiro. A Ordenação já requiere a intervenção da instituição religiosa.

Assim, são três as etapas, correspondentes a três qualidades distintas: Armação de Cavaleiro, Investidura em Funções e Ordenação Eclesiástica.

Q – Fui Armado na nossa Ordem, mas vejo na internet que há outras organizações templárias na minha zona. Porque é que não me convidam para as suas cerimónias?

Há apenas uma ORDEM, como tronco originário e comum, mas esta expressa-se através de muitos ramos a diversos níveis. Deste modo, dependendo da história e vicissitudes de cada ramo, estes encontram-se divididos em agrupamentos, cada um com as suas designações, regras e actividades. Embora a OSMTHU seja universalista na sua prática e se relacione com múltiplos ramos não vendo neles uma ameaça ou concorrência, esse não é o caso de outros grupos. Na maior parte dos casos a identidade e independência de cada ramo é acentuada e o desconhecimento da história e natureza da Ordem faz com que alguns se considerem os únicos herdeiros autênticos do Templo. Esta posição exclusivista faz com que não tenham o hábito de cooperar com outros ramos (incluindo o nosso). Finalmente, como cada ramo tem um corpo associativo notarial distinto, os sócios de uma Associação não são, em geral, sócios de outra. Por isso não constam de listagens de email, não têm direitos nem deveres nessas sociedades, e assim por diante. ✖

LIVROS CONFERÊNCIAS E PUBLICAÇÕES



“Obra” de Rafael Baldaia (seguida de uma selecção de notas e fragmentos astrológicos de Fernando Pessoa).

Ed. Manuel J. Gandra

A Astrologia foi um interesse duradouro de Fernando Pessoa.

Os seus primeiros cálculos astrológicos conhecidos datam de 1908.

Numa carta remetida a Alan H. Barley, em 24 de Julho de 1915, confessava ser “um estudante de Astrologia”.

Sabe-se que inventou um jogo de Astrologia e que terá decidido dedicar-se em exclusividade à prática desta disciplina Hermética, tendo

equacionado a possibilidade de estabelecer-se com consultório, em Lisboa.

A astrologia regulava o quotidiano de Fernando Pessoa, bem assim como as relações com os seus amigos e conhecidos.

De resto, a sua fugaz relação com Aleister Crowley ficou a dever-se à circunstância de ter apontado ao editor da biografia do mago britânico um erro na interpretação do horóscopo deste.

O seu profundo conhecimento da referida disciplina hermética funcionou como uma estrutura organizativa, como o instrumento mediante o qual o poeta pôde criar a irmandade dos quatro Heterónimos, o menos conhecido deles, Rafael Baldaia, também era astrólogo. ✘

Pedidos: manueljgandra@gmail.com

AGENDA



SETEMBRO 27

Cerimónia de Armação Secular

Igreja de São Francisco, Faro

Todo o dia. Informação em detalhe será enviada por carta.

Cerimónia e jantar é aberto a família e amigos.

Apresentação do livro “Aberlardo e o Crivo da Razão” de Jorge Magalhães



OUTUBRO 13

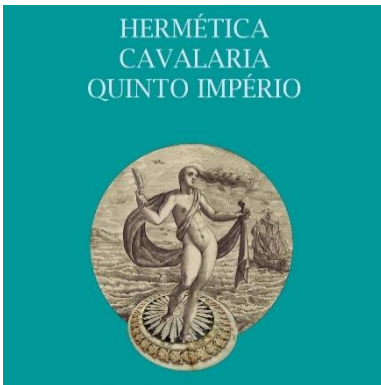
IN MEMOMRIAM

Sessão Zoom Online

NOVEMBRO 1

Cerimónia de Armação Secular

Cripta da igreja de Santa Etheldreda, Londres



NOVEMBRO 22 e 23

Conferência Internacional

HERMÉTICA - CAVALARIA - QUINTO IMPÉRIO

Auditório Beatriz Costa - Mafra

Todo o dia em ambos os dias. Programa disponível brevemente.

Aberto ao público. Incluirá uma Feira do Livro e outras iniciativas.



NOVEMBRO 30

Convento Nacional da OSMTHU

Tomar

Todo o dia. Programa a ser enviado por circular.

ENTRE IRMÃOS - ROSTOS DO TEMPLO



Fr+ Bruno Correia, KTJP

Membro da Comenda de Laccobriga
Preceptor de Castro Marim

O Irmão Bruno Correia é Preceptor de Castro Marim, localidade algarvia onde vive. O Grão Priorado de Portugal tem uma relação muito próxima com Castro Marim e as suas gentes, desde que em 2019 comemorou os 700 anos da Fundação da Ordem de Cristo, sucessora directa da Ordem do Templo em Portugal, que tomou aquela colina sobranceira ao rio Guadiana como sua primeira sede, onde governou durante 38 anos antes de regressar a Tomar.

Na sua vida profissional, Bruno Correia é Assistente Técnico em Gestão de Stocks e Aprovisionamento. Além disso tem uma paixão pela música, sendo, professor na Escola de Música e Maestro da Filarmónica de Castro Marim, participando ainda em vários projectos como músico freelancer. É com a música que ocupa muitos dos seus tempos livres. É ainda um ávido leitor, sempre atento às novidades, dono de

um gosto variado e esclarecido. Finalmente – e talvez em primeiro lugar antes de tudo o já descrito – é um entusiasta homem de família, esfera que conserva na intimidade, mas à qual dedica uma atenção e carinho contagiantes. O seu filho Bruno Henrique é também ilustre Cavaleiro da Ordem.

“Conheci a Ordem em 2019 em Castro Marim no evento Comemorativo do Aniversário da Ordem de Cristo.” – disse-nos o Irmão Bruno. “Nesse dia deu-se um chamamento interior e espiritual uma vez que tive contacto com a Ordem. Lembro-me de apreciar a solenidade e responsabilidade daquele momento histórico. Ao ligar-me à Ordem, senti a sensação de estar a assumir um compromisso maior com a fé, a justiça e a fraternidade.”

Sobre os primeiros tempos como Cavaleiro, recorda-se: *“Há um sentido de transcendência espiritual, uma forte conexão com algo*

sagrado, como se estivesse a ser envolvido por uma missão que vai além da vida comum. Senti sempre muita humildade e serviço, percebendo desde o início que ser Cavaleiro não é um título de poder, mas uma entrega ao próximo e à causa que a Ordem representa.”

Hoje assume plenamente a Honra, o sentir-se parte de uma linhagem que remonta a muitos séculos de história, de Tradição, de valores e virtudes. Uma linhagem que convoca algo de novo, desconhecido até aqui, uma força interior, uma espécie de nova vida, de morrer e nascer como uma nova alma e um novo corpo espiritual, como se o ritual da vigília antes da sua Armação o investisse com uma armadura invisível de fé, de amor e de temor.

Sobre o que significa ser Templário nos dias que correm, relembra que *“ser um Cavaleiro Espiritual Templário não significa empunhar espada em batalha como na Idade Média, mas sim viver o espírito Templário na sociedade actual e moderna.”* Sublinha que *“o título é simbólico e espiritual, ligado a valores universais que continuam actuais. O Templário contemporâneo cultiva a espiritualidade, a oração, a meditação e a ligação com o Sagrado, sendo um peregrino interior em busca da Lux.*





Ser um cavaleiro espiritual templário hoje é ser um guardião de valores espirituais e humanos, é ser um guerreiro da lux que quer levar a sua centelha onde há escuridão para que prevaleçam a verdade, a justiça e o amor.”

O estudo da história da Ordem do Templo é intelectualmente cativante, mas colocar em prática os seus valores intemporais pode transformar a nossa visão sobre o presente. O Irmão Bruno conta-nos como *“a Ordem transformou a minha vida em três níveis: a nível Interior, a nível Social e a nível relacional. Nada ficou igual. Hoje procuro viver permanentemente os valores da Fé, da Esperança, da Caridade, da Temperança, da Prudência, da Justiça e da Coragem.”*

No plano espiritual, o Irmão Bruno exerce a sua religião no silêncio do coração. Vive um diálogo íntimo com Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora, através de uma oração pessoal e sincera, dita com palavras próprias, suas, ou por intermédio da leitura e meditação dos textos sagrados.

“Sinto a presença de Deus, Cristo e da Nossa Senhora de um modo muito pessoal.” – diz-nos. “Como um pai e uma mãe na ajuda na orientação de um filho, como Lux que me guia e como um silêncio que me acolhe. O meu pai e a minha mãe sempre me inspiraram e sempre os admirei. Vejo-os na minha relação com Deus.”

Como Preceptor tem uma visão sobre a missão da Ordem. *“A nossa principal missão é levar ordem onde reina a desordem, a nível social e espiritual, para que exista um eixo equilibrado no âmbito quantitativo e qualitativo em termos de valores e virtudes.”* Afirma trabalhar todos os dias para que a Ordem seja reconhecida, admirada e respeitada.

Tem ainda uma mensagem para todos os Irmãos: *“Peço-vos encarecidamente que contribuam para um mundo melhor, onde as virtudes e os valores sejam as armas e os utensílios necessários e desejados para a concretização dessa utopia.” ✠*

Todo o correio acerca deste Boletim deve ser enviado a secretariado@seculartempli.org